

CÓLICA EM EQUINOS

Cristiane Viana¹ Giovanna Magalhães¹ Thamires Kathleen¹ e Miriã Rodrigues de Oliveira².

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO – Belo Horizonte/MG – Brasil

²Docente do Curso de Medicina Veterinária – Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO – Belo Horizonte/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

Os equinos são animais herbívoros não ruminantes, pois apresentam um sistema digestório que não é capaz de regurgitar seu alimento; ele possui características específicas, que serão abordadas de forma simplificada no presente resumo. Pode-se classificar a cólica como, dores abdominais agudas sediadas no trato gastrointestinal e órgãos da cavidade abdominal frequentemente causada por um espasmo, obstrução ou torção. Esta dor abdominal é um sinal inespecífico, não tem causa concreta. Este estudo tem como objetivo revisar materiais disponíveis sobre o tema, salientando a fisiologia do animal, principais aspectos e tratamentos da síndrome, de forma que, os leitores possam ter informações a respeito contribuindo para definir condutas nestes casos.

METODOLOGIA

Como metodologias escolhidas para desenvolver este trabalho, temos a análise de literaturas, artigos científicos, trabalhos escritos por alunos de pós-graduação em equinos, e livros escritos por médicos veterinários. Abordamos as características da anatomia e fisiologia do trato gastrointestinal dos equinos e as características que levam este animal a desenvolver a síndrome da cólica equina. Destacamos também sinais, sintomas e melhores tratamentos para tal síndrome.

PALAVRAS-CHAVES: cólica em equino, sistema digestório, equinos, obstrução.

RESUMO DE TEMA

O Sistema dos equinos é dividido em cinco principais cavidades sendo elas: boca / faringe, esôfago, estômago, intestino delgado e intestino grosso. Vale ressaltar que os equinos não possuem vesícula biliar, sendo assim a bile é lançada constata e diretamente para emulsificar as gorduras presentes na alimentação deste animal. Como citado anteriormente, podemos definir a cólica equina como aquela dor de origem abdominal, em grande maioria desencadeada por distúrbios digestivos, em menores frequências, terá início em razão de distúrbios em outros órgãos presentes na cavidade abdominal.

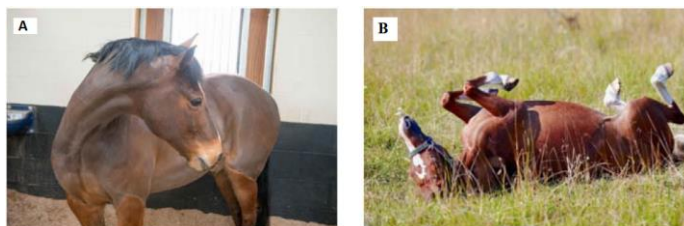
Esta síndrome é frequentemente observada em animais que se encontram constantemente estabulados, se comparados àqueles que vivem soltos em pastagens. Isso se dá em função da redução das opções de alimentos disponíveis para que os cavalos escolham livremente do que vão se alimentar, pois são animais muito seletivos ao escolher seus alimentos por causa de seus lábios móveis e sensíveis. Com as fontes de alimentos de consistências variadas reduzidas, teremos o surgimento de desgastes dentários, e alterações do trato gastrointestinal e de sua condição nutricional. É importante ressaltar que, quando solto, o cavalo passa a maior parte de seu tempo pastando, sendo que ao ser estabulado, este tempo é reduzido drasticamente, além de diminuir a quantidade de fibras a serem trituradas através da mastigação com a ingestão do concentrado. Os equinos são animais que fisiologicamente estão condicionados a se alimentar pouco, mas com mais frequência, seu estômago possui duas porções, aglandulares e glandulares. Sendo que na porção aglandular é onde vai ocorrer a fermentação, seu pH encontra-se por volta de 5,4, já a região glandular onde há produção de ácido clorídrico sendo seu pH por volta de 2,6, nesta parte temos a ação de enzimas como a pepsina que precisa de um pH mais baixo para ser ativada. Duas estruturas muito importantes são a cárdia e o piloro, elas controlam a entrada e saída dos alimentos, ademais, essas estruturas fazem com que os equinos não consigam eructar e nem regurgitar.

Quando os equinos têm uma alimentação com muitos grãos na dieta os alimentos digeridos acabam não sendo enviados para o duodeno o que ocasiona um acúmulo de gases, esses gases fazem com que o pH do estômago aumente ocasionando um acúmulo de bactérias em locais inadequados.

Questões anatômicas também favorecem o surgimento desta síndrome, como já mencionada à impossibilidade de regurgitar, deslocamento do cólon esquerdo, mesentério do intestino delgado muito longo,

movimentações lentas da ingesta, diminuição do lúmen na flexura pélvica, entre outras.

Para que o médico veterinário possa fechar o diagnóstico, é de grande importância que se avalie o estado físico do animal, que pode apresentar sinais vitais relativamente sem alterações. A dor é habitualmente moderada e frequente nestes casos, os sinais incluem olhar para o flanco (Figura A), cavar, deitar e rolar (Figura B). A frequência cardíaca pode estar relativamente aumentada, na auscultação abdominal podemos perceber diminuição dos sons intestinais e a motilidade se encontrará na maioria das vezes ausente, apesar de algumas compactações do cólon maior provocar aumento nos ruídos, sendo estes infrequentes e simultâneos com a dor abdominal. As mucosas orais e oculares podem apresentar colorações alteradas e o animal ao ter o turgor avaliado pode apresentar desidratação.



A- Animal apresentando olhar para o flanco, um dos sinais clínicos de cólica equina (Fonte: Jornal Sul Brasil). **B-** Animal apresentando sinal de rolamento, ocasionado pela dor e desconforto abdominal (Fonte: Jornal Sul Brasil).

O tratamento consiste em avaliar inicialmente qual o tipo e grau de cólica o equino se encontra, porém para um bem-estar do animal existem alguns métodos como Analgesia e sedação; Reposição de fluidos, correção dos níveis hidroeletrólíticos ácido-base; lubrificação gastrointestinal ou administração de laxantes; E por fim o mais importante o tratamento específico da síndrome em causa.

Intervenções cirúrgicas são muitas vezes utilizadas como último recurso e requer algumas estratégias como: conseguirmos de fato diagnosticar o tipo de cólica; quando o diagnóstico não é de fato conhecido, porém existem evidências suficientes que há necessidade da intervenção cirúrgica; quadros de cólicas recorrentes; suspeita de obstrução, ou neoplasias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que, se faz necessário conhecer a fisiologia do animal, que é bem específica da espécie, entender como a síndrome da cólica equina funciona e quais órgãos ela acomete, tendo ciência que, na maioria das vezes é decorrente de um manejo incorreto. Contudo, fica evidenciado mais uma vez a complexidade dessa síndrome e as diversas maneiras de realizar seu tratamento, todavia, o diagnóstico e escolha da conduta devem acontecer com agilidade e precisão, para não correremos o risco de estes animais virem a óbito em poucas horas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CECHINEL, Nádia. **SÍNDROME CÓLICA EQUINA: A PREVENÇÃO É O MELHOR REMÉDIO**. SB Rural, Santa Catarina, ano 9, n. 204, p. 1-4, 23 nov. 2017. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/ceo/id_cpmenu/1043/rural_204_15236482801098_1043.pdf. Acesso em: 21 maio 2023.
2. PEDROSA, Ana Rita Ponce Álvares de Águeda. **CÓLICAS EM EQUINOS: TRATAMENTO MÉDICO VS CIRÚRGICO – CRITÉRIOS DE DECISÃO**. LISBOA, p. 1-115, 22 jul. 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.5/939>. Acesso em: 21 maio 2023.
3. SILVA, J. da; TRAVASSOS, A. E. V. Cólica Equina: revisão de literatura. *Diversitas Journal*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 1721-1732, 2021. DOI: 10.17648/diversitas-journal-v6i1-1698. Disponível em: https://diversitas.emnuvens.com.br/diversitas_journal/article/view/1698. Acesso em: 21 maio. 2023.
4. MACHADO, R. R. et al. **Síndrome cólica em equino-relato de caso. Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão**. RIO GRANDE DO SUL (2011).